

**FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**  
**ROTEIRO DE ATIVIDADES**

2º SÉRIE

4º BIMESTRE

**AUTORIA**

**CECILIA RODRIGUES DO NASCIMENTO MARINI**

**Rio de Janeiro**

**2012**

## TEXTO GERADOR I

O trecho a seguir é a transcrição parcial do debate organizado pelo SBT e UOL realizado no dia 24/10/12 para o segundo turno entre candidatos a prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT) e José Serra (PSDB) e tendo como mediador o jornalista do SBT Carlos Nascimento que inicia o programa explicando que José Serra, do PSDB, foi escolhido no primeiro turno das eleições de 2012 com 30,75% dos votos válidos. Fernando Haddad, do PT, com 28,98%.

O jornalista também menciona sobre a organização do debate, tempo de pergunta e resposta, direitos a réplica e treplicas e comitê de avaliação caso haja ofensa. Quem inicia o debate é Fernando Haddad fazendo a primeira pergunta ao seu opositor José Serra e o tema é a violência.

***Fernando Haddad:** Boa noite telespectadores, internautas, parabéns ao SBT e o UOL pela realização desse debate. A pergunta é sobre segurança. São Paulo vem vivendo uma escalada de violência, uma epidemia de insegurança, com chacina, extermínio na periferia e mais ressentimento arrastões e latrocínios nos bairros nobres. Gostaria de saber do candidato a que ele atribui a escalada da violência, se tem responsabilidade como ex-prefeito e ex-governador e o que pretende fazer como futuro prefeito de São Paulo.*

***José Serra:** Em primeiro lugar, boa noite. Esta questão da segurança não é de responsabilidade direta da prefeitura. Mas a prefeitura pode ajudar muito, e é isso que eu vou fazer como prefeito. Até porque eu conheço os dois lados. Já fui prefeito, e já fui governador, já tive a responsabilidade também sobre a segurança. A situação de segurança em São Paulo deixa a desejar, é insatisfatória, mas é preciso considerar que melhorou muito comparativamente ao resto do Brasil. Inclusive Estados administrados pelo PT, como é o caso da Bahia.*

*São Paulo é o que registrou a maior queda de homicídios no Brasil proporcionalmente em termos absolutos nos últimos 12, 13 anos. Agora, a prefeitura pode fazer coisas importantes nessa direção. Uma delas é reforçar a Operação Delegada, que o PM na hora de*

*folga é contratado para a prefeitura. Hoje já tem 8 mil PMs nesse programa e 4 mil na rua.*

*Mais ainda, aumentar a integração entre prefeitura e governo do Estado, entre guarda civil metropolitana e polícia militar; polícia civil. Eu introduzi como prefeito câmeras de vigilância do município, e introduzi como governador câmeras de vigilância também do Estado. Elas já estão integradas, mas podem se integrar muito mais ainda para esse trabalho conjunto. Vamos também fazer na capital a Virada Social, que eu experimentei, fizemos algumas vezes no passo governo do Estado em algumas regiões em que há uma operação intensiva, inclusive de natureza social, com vistas à maior segurança.*

*Enfim, são questões que podem em ser bastante melhoradas mediante a intensificação da cooperação da prefeitura com o governo do Estado. Entre eu, prefeito, e o Alckmin, governador.*

**Fernando Haddad:** *Serra, os dados recentes sobre violência dão conta de que o problema é muito mais grave e mais recente do que você imagina. Não estou falando de coisa de 12, 15 anos atrás. Estou falando de agora, do presente e do futuro, o que você às vezes reluta em discutir. O homicídio doloso aumentou 15% do ano passado para cá, dados oficiais da secretaria de segurança. Número de vítimas aumentou 17%. Tentativa de homicídio, 35%. Estupro, 26%. E latrocínio, 6%.*

*Você faz referência à Operação Delegada, mas a Operação Delegada não contrata os policiais no dia de folga para cuidar da segurança, na verdade ela enfrenta o comércio irregular; o comércio ambulante. Inclusive quem tinha autorização para autuar foi também truculentamente destruído, sua proposta não é para segurança, sua proposta é para coibir o comércio irregular. O que você pretende fazer?*

**José Serra:** *Eu respondi sobre segurança, candidato Haddad, e você não disse nada sobre segurança, exceto citar números, tirando de contexto. A segurança em São Paulo não está piorando do ponto de vista global, tal como seus dados sugerem, pelo contrário, a tendência ao declínio da gravidade continua, embora o problema seja grave.*

*Segundo, a operação delegada não visa apenas a encarar problemas urbanos nem visará no futuro, nessa direção. Pergunte nas diferentes regiões onde tem PMs com colete,*

*com armas, com companhia andando na rua se a segurança melhora ou não. Nós temos que ser pragmáticos e concretos nessa matéria.*

*Mais ainda, o governo federal tem uma enorme responsabilidade nessa área, porque não combate o tráfico de drogas nem o contrabando, que estão na base da prosperidade do crime, não só em São Paulo como em todo o Brasil.*

*<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1174668-leia-a-transcricao-completa-do-debate-sbtuol-entre-haddad-e-serra.shtml>*

## ATIVIDADE DE USO LÍNGUA

### QUESTÃO 1

No início de sua resposta, o candidato José Serra faz saudações, posiciona-se em relação ao assunto de segurança pertencer ou não à prefeitura e compara a prefeitura de São Paulo aos demais estados da nação, conforme a citação abaixo:

*“A situação de segurança em São Paulo deixa a desejar; é insatisfatória, mas é preciso considerar que melhorou muito **comparativamente** ao resto do Brasil. Inclusive Estados administrados pelo PT, como é o caso da Bahia.”*

O termo em negrito é um adjunto adverbial. Que outro termo poderia substituí-lo sem comprometer o valor semântico da oração?

- a) ... mas é preciso considerar que melhorou muito **positivamente** ao resto do Brasil.
- b) ... mas é preciso considerar que melhorou muito **negativamente** ao resto do Brasil.
- c) ... mas é preciso considerar que melhorou muito **relativamente** ao resto do Brasil.
- d) ... mas é preciso considerar que melhorou muito **construtivamente** ao resto do Brasil.

### Habilidade trabalhada

*Empregar adequadamente marcadores discursivos (geralmente, muitas vezes etc.).*

### **Resposta comentada**

Espera-se que o aluno identifique que, na oração original, o termo destacado possui a ideia de comparação. Desta forma, observa-se que, na opção “A”, há uma ideia de afirmação, enquanto a letra “B” possui uma mensagem de negação. Já a “D” de modo, concluindo que a opção correta é a letra “C”, que completa corretamente sem alterar o sentido da mensagem.

### **QUESTÃO 2**

Em um debate, a defesa de uma tese e a apresentação de argumentos e contra-argumentos é fundamental. A tese é a ideia defendida por um debatedor por meio da apresentação de argumentos. Já os contra-argumentos são as proposições que buscam atacar o posicionamento assumido pelo outro interlocutor. Tendo em vista esse comentário localize, nas falas do candidato Fernando Haddad, um contra-argumento à argumentação apresentada por seu opositor José Serra.

### **Habilidade trabalhada**

*Diferenciar os tipos de argumento: tese, argumento de contra-argumento.*

### **Resposta comentada**

O aluno deverá observar que há exatamente duas falas de Fernando Haddad, sendo a primeira a pergunta e a segunda a réplica à resposta de José Serra. O mencionado contra-argumento encontra-se nesta segunda fala, em que há referência à Operação Delegada. Haddad, então, esclarece que esta “não contrata os policiais no dia de folga para cuidar da segurança, na verdade ela enfrenta o comércio irregular, o comércio ambulante” declaração que contradiz seu adversário José Serra.

## **TEXTO GERADOR II**

Transcrição das falas de Tatiana Lionço e Alexandre Bortolini, no IX Seminário LGBT no Congresso Nacional.

(...)

*O SR. ALEXANDRE BORTOLINI - Vou falar sobre a diversidade sexual.*

*Meu nome é Alexandre Bortolini, sou Mestre em Educação pela PUC e um dos Coordenadores Adjuntos do Projeto Diversidade Sexual na Escola da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, que trabalha basicamente com formação de professores em curso de extensão e em oficina de sensibilização nas escolas das diferentes redes públicas do Estado do Rio de Janeiro. Nós vamos à escola para fazer uma oficina com professores, professoras e outros profissionais de educação, para discutir a diversidade sexual de gênero. Além disso, produzimos algum material de orientação para educadores nesse tema.*

*(Segue-se exibição de imagens.)*

*Quando discutimos diversidade sexual na escola, uma questão que me parece fundamental, até para pensar enquanto movimento, é o que demandamos da escola. Em geral, demandamos respeito, que pode se converter no reconhecimento (ininteligível) social, no combate à violência etc. Mas há uma série de questões próprias do campo da educação e da prática pedagógica dentro da escola que às vezes escapam da própria discussão do movimento quando discute educação.*

*Temos uma tendência muito grande, isso é um discurso muito comum entre educadores e educadoras quando discutimos diversidade, discriminação e violência, a imaginar que a sociedade é preconceituosa, violenta e discriminatória. A escola não é uma ilha, está dentro da sociedade, e essa discriminação, esse preconceito, essa violência a invadiriam.*

*O que quero pensar com os senhores hoje é o quanto a escola, naquilo que é próprio do processo educativo, no currículo, na prática pedagógica, no material didático etc., reproduz e produz de práticas, comportamentos, valores, discursos homofóbicos, sexistas, misóginos, discriminatórios e violentos.*

*A escola fala sobre gênero? Algumas pessoas podem achar que não. Mas na verdade ela fala o tempo todo sobre gênero, o tempo todo está educando e ensinando os nossos meninos e as nossas meninas a se comportarem de uma determinada maneira: na fila de*

*meninos e meninas, em filas separadas na educação infantil; no quadro de chamada de educação infantil, que a criança já reconhece o próprio nome, geralmente esse quadro está dividido de um lado os meninos e de outro as meninas, se duvidar o lado dos meninos é azul, tem uma bola e um carrinho, e o lado das meninas é rosa, tem uma flor e uma boneca; nas aulas de educação física, por exemplo. Muitas escolas hoje já fazem aulas misturando meninos e meninas, o que não quer dizer, necessariamente, que elas estão fazendo uma aula efetivamente integrada. Mas ainda encontramos escolas que têm atividades físicas diferentes para meninos e meninas. Quando as meninas participam da mesma atividade que os meninos, elas geralmente estão num lugar periférico naquela aula de educação física, longe da dedicação ou do objetivo principal do professor.*

*Nas imagens, nos livros didáticos, quando olhamos o corpo humano no livro de Biologia, sempre aparece o corpo masculino. O corpo feminino vai aparecer quando o livro estiver falando sobre o corpo das mulheres, quando estiver falando sobre gravidez, reprodução, etc. Mas quando estiver falando sobre sistema digestivo, vai aparecer o corpo masculino.*

*A tolerância que a escola tem à violência é diferente entre meninas e meninos. Dois meninos se estapeando, dando empurrões é algo relativamente normal no cotidiano escolar. Duas meninas fazendo a mesma coisa, a primeira coisa que falamos é: “O que é isso? Vocês são duas mocinhas, são duas meninas, comportem-se como meninas. Sentem-se direito, cruzem as pernas. Só falem quando forem perguntadas”.*

*Então, a escola vai transmitindo e construindo o tempo todo comportamentos, valores, discursos e verdades sobre masculinidade e feminilidade.*

*A escola fala sobre sexualidade? Em geral, as pessoas vão responder que não. Que fala muito pouco ou que fala muito mal. E aqui também podemos dizer que a escola fala o tempo todo sobre sexualidade.*

*Quando a escola discute família, que modelo de família ela está apresentando? Que modelo de família aparece nos livros didáticos? É o modelo que contempla as diferentes*

*possibilidades de formações familiares? Ou é determinada família heterossexual, branca, etc., de um casal heterossexual, com filhos, etc.?*

*Nas aulas sobre reprodução. Lembro-me de que fizemos uma oficina numa escola e nela discutimos o caso de um transexual masculino que engravidou. No final da oficina, uma professora de Biologia disse que achou tudo superinteressante, maravilhoso, etc., mas que ela era professora de Ciências e Biologia e o que ela tinha de ensinar era reprodução mesmo, pai e mamãe, e acabou. Eu lhe disse: “Mas, professora, na verdade, esse caso talvez seja ótimo para a senhora trabalhar reprodução assistida, para trabalhar as diferentes formas de reprodução humana”.*

*A escola fala sobre sexualidade no controle de qualquer expressão de afeto e de sensualidade, no controle do corpo especialmente das mulheres, especificamente das meninas e adolescentes. Também quando fala de doenças sexualmente transmissíveis, nas imagens, nos livros didáticos. Enfim, a escola fala o tempo todo deste tema quando transmite, inclusive no discurso e na fala cotidiana de professoras e professores, valores e constrói comportamentos com relação à sexualidade.*

*(Segue-se exibição de imagens.)*

*A questão aqui não é pensar se a escola fala ou não sobre gênero; é ter certeza de que ela fala e pensar como ela fala sobre sexualidade de gênero. O que diferentes pesquisas vão apontar é o quanto a escola sempre trabalha numa lógica heteronormativa, mesmo quando está discutindo sexualidade.*

*Lembro-me de que numa feira de projetos de educação sexual, na UERJ, havia um estande com um monitor; provavelmente do ensino médio, ensinando como colocar a camisinha no pênis. Ele explicava que tinha de abrir a camisinha, apertar na ponta, desenrolar até a base do pênis antes de introduzi-lo na vagina. Ele repetiu várias vezes que tinha de desenrolar até a base do pênis antes de introduzi-lo na vagina. Depois de falar dez vezes sobre o pênis na vagina, eu lhe perguntei: “Meu querido, quem disse que se vai introduzir o pênis na vagina?” Ele demorou uns 10 minutos para entender o que eu estava dizendo.*

*Então, mesmo projetos e ações que trabalham com sexualidade, muitas vezes vão trabalhar numa lógica heteronormativa, da heterossexualidade como a única possibilidade de relação sexual e afetiva. E mais, de uma heterossexualidade bastante restrita, bastante limitada, porque mesmo os heterossexuais podem fazer muito mais do que introduzir o pênis na vagina.*

*A escola fala também quando ela não fala. A invisibilidade é outra marca muito grande na ação da escola com relação à sexualidade. Ela escolhe determinados temas que podem estar dentro da pauta e outros que não podem estar.*

*Lembro-me do relato de uma professora, que contava que na escola havia o projeto Jornal no Mural. Pegavam a primeira página de um jornal todos os dias e pregavam no mural da escola. A partir das notícias que estavam ali, os professores de Literatura, de Português, de Geografia, etc. iam discutindo diferentes questões e temas. Em um belo domingo houve a Parada do Orgulho LGBT. No dia seguinte, segunda-feira, estava estampada na capa de todos os jornais a notícia sobre a parada e uma bandeira enorme do arco-íris. Foi uma discussão grande na escola: prega ou não prega esse jornal no mural, porque, afinal, vai incentivar, não vai, tem que pôr ou não. No final das contas, o jornal foi para o mural, mas foi cortado. Recortaram a notícia sobre a parada antes de colá-lo no mural.*

*Sala de aula é lugar para se falar de coisa séria. Então, o que não se fala em sala de aula ou o que se diz para não ser falado, coloca-se num lugar de marginalidade, daquilo que não merece respeito, daquilo que não merece um olhar sério, só que nesse lugar estão sujeitos também.*

*Então, percebemos que a escola, para além de um currículo formal, em que há diretrizes curriculares, parâmetros, Projeto Político e Pedagógico, etc. — mesmo se olharmos os nossos parâmetros curriculares nacionais, que são muito pobres em relação à discussão sobre orientação sexual numa perspectiva mais transformadora — esse currículo formal em si não faz sentido. Ele só faz sentido quando se transforma num currículo em ação, num currículo que efetivamente está sendo concretizado em sala de aula, na prática pedagógica, na relação entre o sujeito dentro desse processo educativo. Aí, existe um currículo oculto em que é disseminada e construída uma série de verdades, valores, discursos com relação a*

*gênero, à sexualidade de uma maneira muito forte. Sem dúvida, o discurso religioso também tem um papel importante, mesmo dentro das nossas escolas públicas. Mas vale nós nos perguntarmos o quanto esse currículo é oculto ou é explícito. Diante dos relatos que recolhemos em nossas escolas, é difícil imaginar que efetivamente estamos falando de alguma coisa invisível, de que estamos falando de alguma coisa que está passando por debaixo do tapete, ou que não está sendo vista, porque as pessoas falam sobre isso explicitamente, condenam explicitamente a homossexualidade ou comportamentos homossexuais. Essa perspectiva que não está somente na cabeça desse ou daquele professor; dessa ou daquela professora, mas que está no próprio currículo, na prática pedagógica, na estrutura da escola, nas regras enormes, na forma como essa escola opera, converte-se e materializa-se nas relações entre os sujeitos. Acho importante atentarmos para isso.*

*Então, um currículo e uma prática pedagógica sexista e homofóbica vão legitimar situações de violência que acontecem dentro da escola. Essas situações de violência não são a excrescência, nem a exceção, nem o absurdo num processo educativo, mas talvez sejam justamente o fruto desse processo educativo.*

*Trouxe alguns relatos para pensarmos sobre essa questão.*

*Essa é uma fala de uma professora contando que um professor questionou a sexualidade da aluna em reunião de pais e filhos, e a mãe pegou a menina pela garganta na frente de todo mundo. Aquilo apavorou a professora. Isso é muito comum quando professores, coordenadores, diretores, chamam pai e mãe na escola para conversar sobre uma possível homossexualidade do filho ou da filha. O que discutimos com eles é que o pai ou a mãe não podem agredir aquela criança. Quando chamamos pai e mãe para a escola? Quando há algum problema. Quando está tudo bem, não chamamos. Então, no momento em que se chama um pai ou uma mãe na escola para discutir essa possível homossexualidade, está-se classificando isso como um problema. E mais, não se chamou ele ou ela à toa. Está-se demandando desse pai ou dessa mãe uma atitude diante daquele problema. Aí, quando ele ou ela tomam uma atitude descabida, desproporcional ou absurda, a pessoa se choca.*

*O educador ou a educadora conseguem perceber como participaram da construção desse processo de violência?*

*Isto é um relato de uma professora. O aluno foi jogar uma bolinha de papel no lixo com aquele jeitinho dele. A professora disse: “Volta e se senta. Levanta novamente e, como homem, joga o papel no lixo”. Então, há um controle que não tem nada a ver com Matemática, Física, Química, Português, Biologia, o que quer que seja, mas tem a ver com o controle do corpo, que não está orientado por nenhum parâmetro curricular, que não está no PPP da escola.*

*Essa é uma fala de uma professora: “Ah, acontece. Os meninos ficam incomodados. Ele reclamava, mas eu falava: Mas também olha o seu jeito, menino. Não fica provocando”.*

*Muitas vezes a escola vai culpabilizar quem está sendo vítima daquelas situações de violência, inclusive, pela própria violência que está sofrendo. Vai culpabilizar a vítima pelo que ela está vivenciando.*

*Este talvez seja o relato mais difícil que tivemos. Foi numa oficina do DAMAS, no Rio. Recolhemos o relato de uma travesti que tinha voltado para a escola. Quando ela começou a construir a sua identidade feminina, ela saiu da escola, o que é normal para a grande parte das travestis ou transexuais. Um tempo depois, ela voltou. “Quando eu voltei para a escola, a secretária sabia que eu era travesti. Ela disse que para eu poder estudar eu teria que cortar o cabelo. E eu cortei o cabelo. Eu tive que amarrar os seios com atadura para que os meus colegas não soubessem que eu tinha seios e só podia usar calça larga para não aparentar o quadril. Eu vou ser sincera: eu aceitei as regras”.*

*Então, imagina o que significa para quem é mulher e gosta do seu cabelo, do seu corpo, enfim, da sua roupa! Isso faz parte da própria identidade dela. O que significa, para poder estudar Português e Matemática, a pessoa ter que raspar o cabelo, amarrar os seus seios com atadura e apagar qualquer traço de feminilidade do seu corpo? É disso que estamos falando. Temos de perceber o quanto que essa prática é pedagógica, o quanto isso é currículo da escola também.*

*A Miriam já falou muito, pela manhã, sobre violência homofóbica, mas há uma pesquisa da FIPE, da USP, realizada em parceria com o MEC, que acho muito relevante para pensarmos sobre essa questão. Trata-se de pesquisa sobre o índice de preconceito, discriminação e distanciamento social em diversas escolas em âmbito nacional. São escolas de diferentes perfis, e a pesquisa mediu índices em diferentes recortes: raça, etnia, classe social, lugar de moradia, idade, orientação sexual etc. Primeiro essa pesquisa mostrou os altos índices de discriminação, distanciamento, preconceito em todas as escolas, em todas as séries. Segundo, ela mostrou que a maior parte desses índices ia diminuindo um pouco ao longo da trajetória escolar, mostrando que, de alguma maneira, a escola vem contribuindo para transformar aquela percepção.*

*Mais importante do que isso é que essa pesquisa relacionou os índices de discriminação e preconceito com o resultado dessas escolas no Prova Brasil, mostrando uma relação íntima entre uma coisa e outra. Quanto maior os índices de discriminação e preconceito na escola, pior era a nota dessa escola no Prova Brasil. Não só a nota de um grupo específico de alunos, mas do conjunto geral, da média geral da escola. Primeiro isso mostra que não estamos falando somente de algo que tem a ver com as reações interpessoais, o que já seria suficiente, mas não é só disso que estamos falando. Estamos falando de algo que prejudica o desempenho escolar e acadêmico dos nossos estudantes, das nossas estudantes. Segundo, estamos falando de algo que não se restringe, não afeta uma minoria específica, um grupo específico, o que também já seria suficiente. Mais do que isso, é algo que prejudica o desempenho do conjunto inteiro da escola.*

*Aí, vale pensarmos um pouco sobre como construir, então, uma pedagogia, uma prática pedagógica, uma educação que tenha adversidades, que trabalhe gênero e sexualidade numa perspectiva da diversidade.*

*Há alguns pontos importantes para pensarmos: 1 – abrir mão da pedagogia do desejo, abrir mão de ensinar aos nossos alunos e nossas alunas quem, como e por que eles podem fazer sexo ou se apaixonar; e entender que o nosso trabalho como educador e*

*educadora é de produzir reflexão crítica e de construir uma autonomia sobre o corpo, sobre o seu afeto e sobre a sua própria sexualidade para que esse sujeito possa, cada um, cada uma, definir, caminhar ao longo da sua vida sexual e afetiva; 2 – compreender que homofobia não é um problema ou uma violência que atinge apenas homossexuais. Quando um menino heterossexual que não gosta de jogar futebol é chamado de veado, ele está ou não sofrendo homofobia? Está sofrendo. Quando um adolescente que não quer transar com aquela determinada garota é forçado, empurrado, pelos seus colegas e pelo seu grupo a ter sexo com ela, senão ele vai ser chamado de veado, ele está ou não sendo vítima de homofobia? Então, a homofobia não é uma violência específica contra homossexuais pura e simplesmente. Ela é um dispositivo de controle da sexualidade de todas as pessoas, especialmente de homens heterossexuais, para mantê-los dentro da linha e do modelo de masculinidade que a nossa sociedade construiu.*

*Trabalhar gênero e sexualidade não tem idade mínima. Às vezes, fazemos muito essa discussão: “Eu acho que tudo bem discutir esses temas etc., mas só a partir dos 8 anos, ou só a partir dos 12, ou só a partir dos 18”. Na verdade, nós estamos falando de questões que têm a ver com todas as faixas etárias. Como qualquer conteúdo escolar, ele vai ser trabalhado de acordo com a capacidade cognitiva, com o momento do desenvolvimento daquele sujeito que é seu educando. Não vamos falar sobre método contraceptivos com uma criança de 5 anos de idade. Não desse jeito. Mas nós trabalhamos a família na educação infantil. Não trabalha? Como? Com brincadeiras, jogos etc., que, em todo tempo, envolvem masculino e feminino. Não trabalha? Há criança que me diz: “Não, tio, eu não posso brincar de boneca, porque isso é brinquedo de menina”. Ou então, dizendo que o pai não deixa brincar de boneca; ou a menina dizendo que gostaria de jogar futebol, mas não pode. Nós podemos transformar práticas sexistas, tão marcadas na educação infantil, em práticas que problematizem esses modelos de gênero.*

*No ensino fundamental, nós podemos trabalhar de diferentes maneiras; no ensino médio, idem. Temos de pensar e adequar esse trabalho a cada faixa etária. E no ensino superior é fundamental incluir a discussão sobre gênero e sexualidade, especialmente nos*

*cursos de formação de professores, de profissionais da saúde, de profissionais de educação, do Direito, da assistência social etc.*

*Essa é uma briga que não está simplesmente no campo da legislação ou no Congresso, da lei ou da normatização do Executivo. Essa é uma briga que está no campo acadêmico e que tem de ser disputada também com as regras do campo acadêmico. Não há uma receita pronta, não há um kit ideal, não há um livro ideal, não há um vídeo ideal, não há um modelo ideal de aula de como trabalhar essas questões dentro da escola. Isso é uma construção que vamos fazer ao longo do tempo, com tentativa e erro, às vezes com enfrentamentos extremamente conservadores. No projeto que trabalhamos na UFRJ, incentivamos professores e professoras a desenvolverem atividades didáticas em sala de aula, a trabalharem na perspectiva de gênero e diversidade sexual. Muitos desses professores, muitas dessas professoras acabaram tropeçando e fazendo atividades que produziam estereótipos, preconceitos, normatizações etc. Então, não há receita pronta. Nós só vamos descobrir na prática pedagógica, de fato, e na reflexão sobre essa prática.*

*Um aspecto que considero muito importante é termos entendimento processual. Isso é urgente, porque há pessoas hoje sendo agredidas, espancadas, mortas, discriminadas etc. dentro da escola.*

*Quando falamos em discutir diversidade sexual dentro da escola, não estamos propondo uma aula sobre homossexualidade. Não é um capítulo adicional no livro. Não estamos propondo uma aula em que vamos falar sobre quem é gay, lésbica, travesti, transexual, sobre o modo de andar, de agir, de falar. Nós estamos propondo que a escola pense sobre a maneira como já trabalha a sexualidade, como já ensina sobre gênero, repense e transforme esse modo e essa prática pedagógica, esse currículo, a fim de trabalhar todos os temas que já trabalha hoje, na perspectiva da diversidade sexual de gênero. Ter diversidade sexual e gênero não como um capítulo adicional, mas como uma perspectiva dentro das nossas escolas.*

*É isso.*

*Texto retirado das notas taquigráficas providas pelo Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação da Câmara dos Deputados, sob número 0571/12 e 0572/12.*

*(<http://jeanwyllys.com.br/wp/transcricao-das-falas-de-tatiana-lionco-e-alexandre-bortolini-no-ix-seminario-lgbt-no-congresso-nacional>)*

## **BIBLIOGRAFIA**

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2004. Editora Lucerna. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Manoel P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 2009. Metáfora Editora. Rio de Janeiro.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1174668-leia-a-transcricao-completa-do-debate-sbtuol-entre-haddad-e-serra.shtml>

<http://jeanwyllys.com.br/wp/transcricao-das-falas-de-tatiana-lionco-e-alexandre-bortolini-no-ix-seminario-lgbt-no-congresso-nacional>